



RESSIGNIFICANDO A MULHER NA LITERATURA ATWOODIANA: O CONTO DA AIA

Autor: Matheus Franco Fragoso

(Universidade Estadual da Paraíba / matheus.francofragoso@gmail.com)

Co-autor: João Ricardo Pessoa Xavier de Siqueira

(Universidade Federal da Paraíba / jricardopxsiqueira@gmail.com)

Co-autora: Silvana Kelly Gomes de Oliveira

(Universidade Estadual da Paraíba / silvannakelly@hotmail.com)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo destacar questões sobre a figura feminina que circulam atualmente nos debates da nossa sociedade. Para tanto, será realizada uma análise crítico-interpretativa da obra *O Conto da Aia*, publicado em 1985, de Margaret Atwood, com a finalidade de estabelecer uma crítica à sociedade patriarcal do romance. Ressaltaremos alguns pontos relevantes encontrados no livro como corpo, memória, reprodução, estupro, tempo, comunicação e direito ao nome, com o propósito de mostrar como a figura da mulher é retratada no romance. Para tanto, teremos como arcabouço teórico Eagleton (1998), Gárcia (2011), Reguant (1996), Rabinow et al. (2006) trazendo relevantes contribuições para o estudo sobre a discussão que abrange a essência do trabalho fomentando a reflexão.

Palavras-chave: Mulher, corpo, biopoder, literatura, Margaret Atwood.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, discussões sobre aspectos considerados instáveis na cultura ocidental pós-modernidade têm sido correntes na literatura canadense. A crise moderna iniciada nos anos de 1950, devido, também, ao desenvolvimento tecnológico, levou os autores a promoverem debates acerca da cultura, economia e estrutura social em suas respectivas obras. Conforme Eagleton (1998) afirma, a pós-modernidade é um momento

histórico que questiona noções clássicas do período moderno, tais como o conceito de razão, a ideia de progresso, as grandes narrativas que constituem a sociedade ocidental, dentre outros. Seguindo esta linearidade literária, temos a autora, poetisa, contista e crítica Margaret Atwood, que tem recebido grande destaque desde sua primeira publicação de coletâneas de poemas em 1966 -- até hoje são mais de quarenta livros de ficção, poesia e ensaios que circulam mundo afora em aproximadamente trinta e cinco



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

países. Suas obras de ficção muitas vezes retratam personagens femininas dominadas por uma sociedade patriarcal, como no caso de *O Conto da Aia* (1985), em que as mulheres são vistas como meros úteros reprodutores vivendo em uma dinâmica social de autoritarismo e descarte, uma vez que elas só possuem valor enquanto ainda podem reproduzir.

Margaret Atwood nasceu em 1939, na capital canadense, Ottawa, no entanto, foi criada no norte da província de Ontário, Quebec, e na cidade de Toronto. Começou a escrever aos 16 anos. Durante sua juventude, estudou na *Victoria College*, graduando-se em Letras e Filosofia e, posteriormente, obteve o título de mestre em estudos literários pela Universidade de Toronto. Seguiu a carreira acadêmica como professora ministrando aulas de literatura em diversas universidades canadenses, americanas e australianas ao mesmo tempo em que seguia com a atividade de escritora.

No ano de 1985, Atwood lançou o romance *O Conto da Aia*, que trata da vida de uma comunidade em um futuro próximo na qual um governo autoritário e religioso renega a ciência e cria uma sociedade que segue à risca os preceitos bíblicos. Na República de Gilead – antigo Estados Unidos –, a erudição fica restrita a poucos, e o único valor que a mulher possui é o poder de gerar filhos e

servir aos homens. Nesse romance, a história se desenrola a partir da perspectiva de Offred, uma das aias do comandante da república e protagonista do enredo. Em sua narrativa, a personagem relata sobre sua vida cotidiana, destacando aspectos como a falta de liberdade, perda de poder sobre o próprio corpo e as relações interpessoais dentro daquele contexto. Além disso, Offred fala sobre a obrigação de manter relações sexuais com o comandante e a imposição de uma crença religiosa pelo estado.

O Conto da Aia, de Atwood, pode ser considerado um romance de cunho feminista e distópico¹, pois o material exerce um efeito de análise sobre a sociedade vigente e a que está por vir. Ademais, a obra de Atwood pode ser tida como uma escrita feminista, uma vez que a autora visa destacar a desigualdade social, política e econômica entre o homem e a mulher em uma sociedade futura, ao mesmo tempo em que faz o leitor ponderar sobre as diferenças atuais.

Posto isto, destacamos que o objetivo do presente trabalho é apresentar uma breve análise da obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, ressaltando alguns pontos relevantes encontrados no livro como corpo, memória, reprodução, estupro, tempo, comunicação e

¹ De acordo com Campelo (2003), distopia é: “uma forma de experimentalismo que isola certas tendências sociais e as exagera para dar visibilidade às suas qualidades mais negativas”.



direito ao nome com a finalidade de mostrar como a figura da mulher é retratada no romance.

Atwood: O Feminismo e a escrita para outras mulheres

O feminismo é um movimento que pode ser definido como uma tomada de consciência das mulheres como coletivo humano em detrimento da exploração, dominação e opressão de que foram e ainda são e estão submetidas até os dias atuais (GARCIA, 2011). A literatura de Atwood pode ser considerada feminista, pois através de sua escrita a autora torna-se capaz de conscientizar os leitores sobre a situação enfrentada pelas mulheres em uma sociedade patriarcal.

Em sua obra *A Odisseia de Penélope*, de 2005, Atwood enfatiza a situação na qual as escravas naquele período (aproximadamente 3.000 a.C) estavam submetidas devido ao poder e *status* social da figura masculina. No livro, as escravas formam um coro composto por doze mulheres que, através de versos e prosa, narram os acontecimentos de *A Odisseia* de Romero e todo o sofrimento imposto a elas sobre uma ótica feminina da história. As escravas ao longo de todo o texto chamam a atenção do leitor para a forma como elas eram tratadas

por serem mulheres e pobres; elas estavam sujeitas a abusos físicos, emocionais, sexuais e psicológicos os quais para a época eram considerados comportamentos sociais aceitáveis. A denúncia e a tomada de consciência por parte das escravas na *Odisseia de Penélope* torna o leitor capaz de repensar o papel da mulher como sujeito durante grande parte da história ocidental.

Em contrapartida, a narrativa de *O Conto da Aia* ocorre em um futuro próximo, período no qual um governo totalitário toma posse do território que um dia fora os Estados Unidos. As mulheres ficam completamente restritas às atribuições domésticas e reprodutivas em pleno século XXI -- fator bastante surpreendente, tendo em vista as diversas conquistas que foram obtidas ao longo dos últimos anos. No caso da obra de Atwood, de 1985, os acontecimentos do passado parecem se repetir novamente, assim como Garcia (2011) afirma:

[...] ao longo da história da sociedade ocidental, muitos discursos de legitimação da desigualdade entre homens e mulheres foram produzidos. A mitologia e as religiões são bons exemplos. Na Grécia Clássica e na tradição judaico-cristã Pandora e Eva respectivamente desempenham o mesmo papel: o de demonstrar que a curiosidade feminina é a causa das desgraças humanas e da expulsão dos homens no Paraíso. (GARCIA, 2011, p. 12)



O Conto da Aia tem uma correlação intrínseca com as ideias de García (*op. cit.*), pois a partir da imposição de um governo totalitário as mulheres tiveram seus direitos aniquilados e passaram a viver praticamente como em séculos passados devido a uma imposição de uma crença religiosa e a um governo o qual não dá voz às mulheres.

Em uma breve analogia entre *A Odisseia de Penélope* e *O Conto da Aia*, temos a figura feminina sofrendo represálias pelo homem na sociedade na qual estão inseridas devido à organização patriarcal. Em ambas as obras atwoodianas, pode-se perceber até onde se estende o controle e domínio sobre as mulheres por parte dos homens.

Considerando a teoria feminista radical da década de 1970, Reguant (1996) define o poder do patriarcado como:

Forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade de liderança do homem, no qual se dá predomínio dos homens sobre as mulheres. Dos maridos sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio de mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível. (REGUANT. 1996, p. 20)

Tanto na obra de 1985, quanto na obra de 2005 evidenciam-se traços do poder

patriarcal sobre a mulher. Trata-se de sociedades controladas por homens e para suprir com as necessidades masculinas.

Tratando-se do romance *O Conto da Aia*, é importante destacar que as mulheres são inclusive impedidas de terem seus próprios nomes, sendo esses originados a partir do nome do comandante ao qual o servem. Além disso, as mulheres devem seguir um estilo de vida recatado, usando roupas discretas e portando-se conforme as regras impostas pelo estado totalitarista, religioso e patriarcal.

A presença do biopoder em *O Conto Da Aia*

O biopoder faz-se presente de forma evidente em *O Conto da Aia*, visto que na República de Gilead o governo democrata foi derrubado e substituído por uma representação política totalitária. Um dos aspectos que chamam a atenção em relação a esse estado é que, assim como em outros governos totalitários, a ideologia política tomou posse rapidamente da forma de pensar de seus cidadãos, e esses parecem aceitar e acreditar nas imposições do governo sem grandes contestações.

Todavia, durante o século XVII, também nos Estados Unidos, uma forma bastante semelhante ao governo totalitário de Gilead se fez presente principalmente na costa



leste do país: o puritanismo, que empregava, nas primeiras colônias da nação, uma doutrina baseada na palavra bíblica. Em suma, na sociedade puritana a mulher era responsável pelas tarefas domésticas e o homem seria o provedor da casa. Entretanto, as duas partes deveriam seguir a palavras de Deus ou corriam o risco de sofrerem repressões vindas da igreja. O episódio das Bruxas de Salem retrata a intolerância do puritanismo nos primórdios da sociedade americana. Percebe-se ainda a intertextualidade da obra de Atwood em relação à obra de Nathaniel Hawthorne (*A letra escarlate*), na qual se retrata a exclusão da mulher considerada adúltera por parte de uma sociedade impregnada de puritanismo religioso. A “marcação” e punição para o pecado/crime de adultério consistia na aposição da letra “A” em tom vermelho às vestes da mulher. Em *O conto da Aia*, o vestuário das aias é vermelho, e por suas vestes elas são reconhecidas e diferenciadas em relação aos outros membros da sociedade.

À luz do biopoder, *O Conto da Aia* se enquadra principalmente quando temos uma sociedade que obedece a certas regras impostas pelo governo que não só produz uma padronização e determina a forma de subjetivação do indivíduo. Baseado em conceitos foucaultianos, uma das possíveis

definições para biopoder apresentada por Rabinow *et al.* (2006) é:

Modos de subjetivação, através dos quais os indivíduos são levados a atuar sobre si próprios, sob certas formas de autoridade, em relação a discursos de verdade, por meio de práticas do *self*, em nome de sua própria vida ou saúde, de sua família ou de alguma outra coletividade, ou inclusive em nome da vida ou saúde da população como um todo. (RABINOW *et al.* 2006, p. 29)

Na obra *O Conto da Aia*, as mulheres ficam sujeitas às imposições vindas do governo, que dizem como elas devem viver. Embora desde o princípio da civilização seja de praxe os estados terem algum documento que oriente ou regulamente as leis de um país, no caso do governo de Gilead temos um poder político totalitário, que exerce grande influência sobre a forma como a população deve agir. Isto é, o governo restringe a maneira como as pessoas devem viver através da imposição de normas e/ou padrões de conduta os quais os cidadãos não devem desviar; caso contrário esses sofrerão punições. Tais imposições repercutem não só no modo como se estabelecem as relações interpessoais, mas reverberam principalmente nos corpos dos cidadãos, individualmente considerados, concretizando a anulação/apagamento das subjetividades em prol de um modelo estatal que prima pela opressão do indivíduo.



O Conto da Aia: Ressignificando a mulher na obra atwoodiana

A obra de Atwood é tecida de uma maneira brilhante. O enredo é representado em um futuro próximo, onde a democracia norte-americana não mais existe. As mulheres ficam impossibilitadas de trabalharem, terem seu próprio dinheiro, não podem manter relações afetivas, lerem ou escreverem, tendo até a comunicação restrita. Segmentadas em estratos sociais (Esposas, Marthas, Tias, Econoesposas, Não-Mulheres e Aias), as aias cabe a função exclusiva da reprodução, todas as mulheres em idade fértil são, obrigatoriamente, enviadas para a casa de comandantes com a finalidade de gerar crianças.

A narrativa é contada por Offred, uma aia, cuja significância do nome remete ao comandante 'Fred' da casa onde reside. *Of* em inglês significa 'de', e nesse caso remete à posse; 'fred', segunda parte do nome, é como se chama o comandante, ou seja, o nome significa 'de Fred'. Assim temos a narradora, um personagem sem direito à identidade e nome próprio:

Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo

escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. (ATWOOD, 2006, p. 105)

Apesar de ter sido imposta um novo nome e, conseqüentemente, uma nova identidade – devido ao meio no qual a narradora está inserida—a mesma, ao longo de toda a história, faz uso do recurso de *flashback*, retomando memórias do passado quando seu nome e identidade refletiam a imagem de outra mulher, que agora está resguardada por conta da situação em que vive:

Estou em nosso primeiro apartamento, no quarto. Estou parada diante do armário, que tem portas dobradiças de madeira. Ao meu redor sei que está vazio, toda a mobília foi retirada, os assoalhos estão nus, não há nem sequer carpetes, mas mesmo assim o armário está cheio de roupas. (ATWOOD, 2006, p. 93)

Na citação acima, a narradora traz à tona memórias antigas que ainda a acompanham nessa fase da vida. Por ainda manter uma relação íntima com sua identidade do passado, Offred retrata o tempo presente como algo enfadonho, pois, diferente dos dias de outrora, ela se encontra desanimada, já que não há muito que fazer e os minutos parecem se arrastar em Gilead. Os afazeres domésticos e a reprodução são as únicas funções as quais as mulheres estão permitidas a realizarem, sobrando, assim, uma grande quantidade de tempo ocioso no qual Offred não consegue preencher com



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

facilidade, tendo em vista que até a comunicação é restrita, o tédio se instala na vida da aia com facilidade.

Há tempo de sobra. Esta é uma das coisas para as quais não estava preparada — a quantidade de tempo não preenchido, o longo parênteses de nada. Tempo como som de ruído fora de sintonia. Se ao menos eu pudesse bordar. Tecer, tricotar, alguma coisa para fazer com as mãos. (ATWOOD, 2006, p. 87)

Impedida de realizar atividades que pudessem entreter a mente e dar impressão de que o tempo passasse mais rápido, Offred sentia dificuldade em se acostumar àquela nova rotina, cujas ações eram fiscalizadas restritivamente. Um bom exemplo de como as aias eram observadas encontrasse no seguinte trecho: “Podemos ir ao banheiro se levantarmos a mão, embora haja um limite para quantas vezes por dia [...]” (ATWOOD, 2006, p. 90). O controle sobre a vida em Gilead toma proporções absurdas ao ponto de se contabilizar as vezes que as mulheres frequentam o banheiro. O fato de o banheiro ser um local costumeiramente sociável na cultura ocidental leva a pensar que este cômodo poderia acabar criando vínculos de fraternidade entre as mulheres, que poderiam desembocar em atos de rebeldia contra o estado.

Como já explanado anteriormente, o estado de Gilead seguia uma perspectiva

fundamentalista baseado em preceitos bíblicos, portanto, tudo que destoava da palavra de Deus era tido como “herege”. No caso da reprodução, sabe-se que no século XXI – período no qual a história é narrada -- a ciência deu grandes passos em diversos aspectos. Não obstante, o estado totalitário excluiu diversas tecnologias, dentre elas as que envolviam a reprodução humana, pois eram percebidas como “ilegais” a partir da perspectiva bíblica.

A necessidade do que eu poderia chamar de serviços de reprodução humana já era reconhecida no período pré-Gilead, no qual estava sendo atendidas inadequadamente por “inseminação artificial”, “clínicas de fertilidade”, e pelo uso de “mães de aluguel”, que eram contratadas com esse propósito. Gilead tornou ilegais as duas primeiras opções, considerando-as irreligiosas, mas legitimou e executou a terceira, que era considerada como tendo precedentes bíblicos; assim substituíram a poligamia serial, comum no período pré-Gilead, pela forma mais antiga de poligamia simultânea, praticada tanto nos tempos primitivos do Velho Testamento bem como no antigo estado de Utah, no século XIX. (ATWOOD, 2006, p. 358)

Uma das técnicas de reprodução artificial mais moderna dos últimos tempos foi banida pelo governo de Gilead, pois ciência e religião nem sempre andam de mãos dadas. Sabe-se que a inseminação artificial não requer o contato físico direto entre dois corpos, evitando assim a realização do ato sexual. Entretanto, por se tratar de um método



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

científico para a reprodução, essa tecnologia foi marginalizada, dando vez a uma forma de arcaica e que, devido à imposição religiosa a todos daquela nação, adotou-se o método tradicional. Método por sua vez que infringe o direito de posse, controle e autonomia do corpo já que as mulheres são forçadas a manter relações sexuais com homens com a única finalidade de reproduzir. Portanto, é possível afirmar que o estupro era algo aceitado Gilead.

Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. (ATWOOD, 2006, p. 117)

Na descrição acima, Offred relata o momento no qual ela mantém relação sexual com o comandante. Embora a personagem pareça estar conivente como o que ocorre, ela não sabe bem como classificar ou descrever o ato de violência. Contudo, é possível perceber que nesse caso temos um estupro de fato, tendo em vista que aquele ato sexual foi algo que a personagem não escolheu acontecer naquele dado momento -- foi algo imposto que foge do controle da narradora--, apesar de saber que aquilo estaria por vir. Ademais,

percebe-se que a personagem durante o estupro não mais tem controle sobre o próprio corpo:

Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sobre seu estômago, seu osso púbico sob a base de meu crânio, suas coxas uma de cada lado de mim. Ela também está completamente vestida.

Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada uma das minhas numa das dela. Isso deveria significar que somos uma mesma carne, um mesmo ser. O que realmente significa é que ela está no controle do processo e portanto do produto. (ATWOOD, 2006, p 117)

A fim de evitar qualquer forma de prazer, envolvimento ou até mesmo fuga da personagem que está sendo estuprada, temos a esposa do comandante, que naquele momento, como bem apontado por Offred, está no controle da situação. Nessa descrição temos a mulher, Offred, em uma posição completamente vulnerável sobre o domínio do comandante e sua esposa. A narradora encontra-se incapaz de reagir ao ato e, assim, sem qualquer chance de escolha, espera o término do estupro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, *O Conto da Aia* é um livro muito bem elaborado e concebido quando levamos em conta a ótica



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pós-modernista presente na literatura canadense. As convenções adotadas pela autora faz o leitor analisar de forma crítica a situação do passado, presente e futuro de nossa sociedade, lançando um olhar à questão do *status* da mulher na sociedade. Além disso, o livro trata de assuntos pertinentes, como poder, autoritarismo, corpo, violência, estupro, memória, dentre outros. Todos esses aspectos colocam Margaret Atwood como uma das escritoras canadenses que melhor retrata o papel da mulher na literatura. Por fim, ressaltamos que o texto de atwoodiano transgride, trazendo para mais perto do leitor problemas de reflexão social.

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret Eleanor. (1939). *O Conto da Aia*. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. *A odisseia de Penélope*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CAMPELLO, Eliane. *A visão distópica de Atwood na literatura e no cinema*. Interfaces Brasil/Canadá (Belo Horizonte) 1.3 (2003): 1-14.
- EAGLETON, Terry. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1998.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve História do Feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

HAWTHORNE, Nathaniel. *A Letra Escarlata: texto integral*. Trad. Sodre Viana. São Paulo: Martin Claret, 2006.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. *O conceito de biopoder hoje*. In: Revista de Ciências Sociais n. 24, p. 27-57, Abril de 2006.

REGUANT, Dolores. *La Mujer no Existe*. Bilbao: Maite Canal, 1996. In: SAL, Victoria. *Diccionario Ideológico feminista*, vol. II, Barcelona: Icaria, 2001.